

Edição e engajamento político:



a Editora L&PM nos anos 1970

Flamarion Maués

Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de História no Instituto Federal de São Paulo, *campus* Registro. É autor, entre outras obras, de *Livros que tomam partido – edição e revolução em Portugal: 1968-1980*. Lisboa: Parsifal, 2019. flamaues@gmail.com

Edição e engajamento político: a Editora L&PM nos anos 1970¹

Edition and political engagement: the L&PM publishing house in the 1970s

Flamarion Maués

RESUMO

Este artigo discute a fusão entre ação editorial e engajamento político opo-
sicionista no Brasil na década de 1970,
durante a ditadura iniciada em 1964,
analisando a atuação dos editores res-
ponsáveis pela Editora L&PM, de Porto
Alegre, criada em 1974, e procurando
entender como essa ação a transformou
em uma casa editorial politicamente
ativa, em âmbito regional e nacional.
Acredito que este estudo colaborará
para a compreensão da síntese entre
edição e política no Brasil no período
final da ditadura, bem como das rela-
ções e mediações então estabelecidas.
Além disso, permitirá uma reflexão
sobre o papel que a edição política
desempenhou no Brasil, buscando uma
visão mais ampla do seu significado.

PALAVRAS-CHAVE: edição política; his-
tória editorial no Brasil; editoras de
oposição.

ABSTRACT

*This article discusses the merger between
editorial action and opposition political
engagement in Brazil in the 1970s, during
the dictatorship begun in 1964, analyzing
the performance of editors responsible for
Publishing House L&PM, from Porto
Alegre, created in 1974, and trying to
understand how this action transformed it
into an editorial house politically active, in
regional and national scope. I believe that
this study will contribute to the unders-
tanding of the synthesis between editing
and politics in Brazil in the final period of
the dictatorship installed in 1964, and of
the relations and mediations that provided
such synthesis. In addition, it will allow
a reflection on the role that the political
edition played in Brazil, seeking a broader
understanding of its meaning.*

KEYWORDS: political edition; editorial
history in Brazil; opposition publishers.



Este trabalho se insere em uma série de estudos que venho desen-
volvendo sobre a edição política no Brasil e em Portugal, nos anos 1970 e
1980, buscando, em perspectiva comparada, o entendimento de como se
deu a síntese entre edição e política nesses dois países, permitindo uma
visão mais concreta das relações e mediações estabelecidas, bem como do
papel dos editores nesse processo. A partir da análise da história da L&PM,
destacarei como as ações de seus editores no campo editorial vinculavam-se
ao seu engajamento político, mas sem subordinar um aspecto ao outro, ou
seja, compreendendo também que a ação editorial guarda certa autonomia
em relação à política, mesmo quando ela é politicamente comprometida.
Assim, será possível trazer à tona uma parte do papel dos editores de livros
políticos no Brasil no período final da ditadura, destacando como a sua
ação editorial, ou seja, sua atuação no campo da cultura e da comunicação,
tornou-se um importante elemento naquela luta.

¹ Este texto é parte do estágio pós-doutoral desenvolvido na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP), sob supervisão da professora Sandra Reimão, e que contou com apoio de bolsa da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Pretendo, dessa forma, refletir sobre o papel que a edição política desempenhou no Brasil, buscando uma compreensão mais ampla do seu significado. Procuraremos também entender como alguns aspectos peculiares da conjuntura política e do mercado editorial influenciaram a ação dos editores da L&PM.

Editoras de oposição

Desde meados da década de 1970, o Brasil viveu um processo político que levou ao fim da ditadura iniciada com o golpe de 1964. A abertura política – protagonizada pelas oposições e pela cúpula militar do regime – inicia-se em 1974, com o governo Geisel e será um processo longo, somente se encerrará dez anos depois, e que alternará avanços e recuos. Nesse período, quando as lutas contra o poder discricionário cresceram, houve o incremento, no campo editorial (livros), da edição de obras de caráter político, na maior parte dos casos de cunho oposicionista. Há como que um surto do que podemos chamar de edição política, com a publicação de livros políticos, marcadamente de obras vinculadas ao pensamento de esquerda, dentro de um movimento mais amplo de contestação política e cultural. Ganharam importância editoras de cunho claramente político-ideológico, muitas delas com vinculações a partidos ou grupos políticos.

A atuação dos editores responsáveis por estas casas editoras vinculava de modo direto ação editorial e engajamento político. Foi uma forma de atuação editorial realizada com intenção política de intervenção social. Partia de um projeto editorial e/ou empresarial de fundo político, cujo objetivo era divulgar, debater ou defender ideias políticas publicamente na sociedade. Esta definição de edição política será desenvolvida mais adiante.

No período final da ditadura, algumas dessas editoras tiveram um caráter claramente oposicionista, o que permite caracterizá-las como “editoras de oposição”. A categoria editoras de oposição foi por mim definida, em relação ao Brasil, em minha dissertação de mestrado.² Elas ganham relevo, em nosso país, a partir de meados dos anos 1970³, quando ocorre uma revitalização de editoras com perfil marcadamente político e de oposição ao governo militar iniciado em 1964. Editoras que já tinham certa tradição na edição de obras políticas, como *Civilização Brasileira*, *Brasiliense*, *Vozes e Paz e Terra*, voltam a atuar de forma mais ousada politicamente, editando livros que tratavam de temas que punham em questão a ideologia, os objetivos e os procedimentos do regime de 1964. Ao mesmo tempo, novas editoras surgem com o projeto de publicar livros com claro caráter político de oposição. Alguns exemplos são as editoras Alfa-Ômega, Global, Edições Populares, Brasil Debates, Ciências Humanas, Kairós, Hucitec, L&PM, Graal, Codecri, Vega e Livramento, entre outras.

Os livros de oposição publicados por essas editoras podem ser classificados da seguinte forma: clássicos do pensamento socialista, obras de parlamentares de oposição, depoimentos de exilados e ex-presos políticos, livros-reportagem, memórias, romances políticos, romances-reportagem, livros de denúncias contra o governo. Este segmento ganha impulso mais significativo a partir de 1977-78, com o retorno à cena pública do movimento estudantil e do movimento sindical, em particular com as greves no ABC paulista, e o avanço da campanha da anistia.

² Cf. SILVA, Flamarion Maués Pelúcio. *Editoras de oposição no período da abertura (1974-1985): negócio e política*. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH-USP, São Paulo, 2006. A dissertação foi posteriormente editada em livro. Ver MAUÉS, Flamarion. *Livros contra a ditadura: editoras de oposição no Brasil, 1974-1984*. São Paulo: Publisher, 2013.

³ Mas é importante assinalar que na década de 1960 já havia algumas editoras isoladas que tinham um perfil oposicionista, como a *Civilização Brasileira* e a *Brasiliense*.

⁴SILVA, Flamarion Maués Pe-
lúcio. *Livros contra a ditadura*,
op. cit., p. 54.

⁵*Idem, ibidem*, p. 54.

⁶ Ver MOLLIER, Jean-Yves. Quando o impresso se torna uma arma no combate político: a França do século XV ao século XX. In: DUTRA, Eliana Freitas e MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*, v. 1. São Paulo: Annablume, 2006.

⁷No que converge com Jürgen Habermas na ideia geral de que o impresso desempenhou o papel determinante na constituição de um espaço público a partir das discussões e tertúlias que, essencialmente no século XIX, começaram a surgir em espaços como os cafés, nos quais se foi engendrando a noção que mais tarde se veio a designar de opinião pública. Ver HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

⁸MOLLIER, Jean-Yves, *op. cit.*, p. 260 e 269.

⁹ Ver HAGE, Julien. *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach: une nouvelle génération d'éditeurs politiques d'extrême gauche en Europe Occidentale 1955-1982*. Thèse (Histoire Contemporaine) – Université de Versailles Saint-Quentin-En-Yvelines-Batiment D'Alembert, Paris, 2010.

¹⁰ *Idem*, Collections politiques et effets de sens: littérature et politique dans les nouvelles maisons d'édition politique d'extrême gauche au cours des années 1960 et 1970. *Cahiers du CRHQ*, n. 2, Caen, 2010, p. 2. Disponível em <<http://www.unicaen.fr/mrsh/crhq/cahiers/2/c2a3-Hage.pdf>>. Acesso em 17 out. 2012.

¹¹ Ver SIMONIN, Anne. *Les éditions de Minuit, 1942-1955: le devoir d'insoumission*. Paris: Imec, 1994.

¹²HAGE, Julien. *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, *op. cit.*, p. 44.

As editoras de oposição são aquelas que “tinham perfil nitidamente político e ideológico de oposição ao governo militar, com reflexos diretos em sua linha editorial e nos títulos publicados”.⁴ Isso significa que

*a marca distintiva de uma editora de oposição é o fato de ela ter perfil de oposição ao governo militar e ter publicado certo número de livros de oposição. Um número suficiente, na produção daquela editora, para que fique claro que tais livros representavam parcela importante da produção da empresa. Disso resulta que os referenciais básicos para saber se uma editora pode ser chamada de editora de oposição são o perfil político e ideológico da editora, determinado pelas simpatias e filiações políticas de seus proprietários e/ou editores, e o seu catálogo de livros publicados.*⁵

A edição política

Jean-Yves Mollier, ao analisar o papel do impresso como arma no combate político na França, em um amplo período que vai do século XV ao século XX⁶, aponta para algumas questões que nos podem ser úteis para o estudo da edição e do livro políticos.

O autor sugere que o impresso é uma das bases para a formação de uma opinião pública⁷, com especial força nos períodos de agitação política. E indica que é quando as lutas políticas se acentuam – e o impresso político ocupa um lugar estratégico nestas lutas, contribuindo fortemente “para fazer a política descer às ruas” – que aumenta o vigor do sistema editorial, “peça essencial na produção e difusão da literatura política”. E “a multiplicação desses escritos sediciosos é o signo que pressagia uma mudança importante”. No caso da França pré-revolucionária, afirma ele, o impresso “teve um papel excepcional para solapar as bases do regime”.⁸

Evidentemente, ao tratar do impresso, Mollier abarca um universo bem mais amplo do que o do livro, pois inclui também a imprensa, o panfleto, o folheto, os cartazes etc. Mas podemos transpor e adaptar algumas de suas sugestões para o período do nosso estudo e para o campo mais restrito da edição de livros políticos. Particularmente interessante me parece a ideia de que os momentos de maior agitação e lutas políticas propiciam condições para o fortalecimento do sistema editorial e, podemos inferir, dentro dele dos setores que buscam dar à edição um sentido de intervenção política. Desse modo, a edição política liga-se estreitamente às lutas políticas que se travam na sociedade em que ela se insere.

Outra referência relevante para meu estudo, no que diz respeito à conceituação do que é a edição política e das características de uma editora política, é a investigação de Julien Hage sobre três editoras políticas que ele classifica como de extrema-esquerda, surgidas entre 1955 e 1964: a Feltrinelli, na Itália; a Maspero, na França; e a Wagenbach, na Alemanha.⁹ Tais editoras são de certa forma continuadoras de um tipo de editora política cujo “modelo e paradigma”¹⁰ seria a francesa Éditions de Minuit, criada clandestinamente na França ocupada em 1942.¹¹

Para Hage, as editoras sobre as quais se debruçou constituíram uma “tribuna das vanguardas intelectuais e estéticas de seu tempo”. E mesmo sujeitas a censura, “repercutiram a emergência de uma nova esquerda nutrida pelo anti-imperialismo e à margem dos partidos comunistas e social-democratas”, e foram “as precursoras do desenvolvimento do livro político”¹² na Europa ocidental. Elas utilizaram o livro para “difundir uma mensagem política à luz do terceiro-mundismo e do renovado movimen-

to operário, e para promover o casamento entre edição e política de uma maneira criativa e militante”.¹³

Seus editores (que eram também os proprietários) apresentavam três perfis de editor muito diferentes: o empresário (Giangiacomo Feltrinelli), o intelectual (François Maspero) e o editor literário (Klaus Wagenbach).¹⁴ E representavam também três modelos específicos de edição política: a grande casa de edição profissional (Feltrinelli), o livreiro-editor (Maspero) e a pequena casa de edição literária (Wagenbach).¹⁵ São editoras “engajadas politicamente, e nas quais esta orientação constitui a sua razão de ser e estrutura o seu catálogo”.¹⁶ Assim, “se a literatura permaneceu no centro das preocupações desses atores, ela por vezes ficou em segundo plano em benefício de uma produção mais diretamente política e pragmática, imediatamente relacionada com a atualidade”.¹⁷

Hage conclui que essas editoras “contribuíram para a renovação da oferta editorial, para a promoção do documento político e dos textos teóricos, para novas formas de paraliteratura, e de ciências sociais e militantes”, em um contexto “de um compromisso resoluto na promoção do livro a custo acessível”.¹⁸ E é pela interação entre esta oferta editorial renovada e “uma demanda social pontual ou duradouramente politizada que se pode sem dúvida definir melhor o livro político, assim como por uma série de características que fundamentam uma natureza ou um ‘tipo’ muito bem definido e determinado”.¹⁹

Ao analisar de forma mais ampla a edição política, Hage destaca a forte determinação simbólica e política das obras publicadas pelas editoras políticas como uma das bases de identidade destas editoras, “forjadas tanto por suas estratégias editoriais como por seus engajamentos militantes”.²⁰ E afirma que a valorização dos elementos paratextuais é uma das suas características principais, particularmente por meio de recursos como os prefácios e o aparelho crítico (notas explicativas, por exemplo). “A multiplicação e enriquecimento destes paratextos [...] sublinham uma politização crescente da oferta editorial, assim como um alargamento dos públicos visados, que resultam em uma complexificação das estratégias editoriais”.²¹

Outra experiência editorial significativa em meu quadro de referências, por suas características particulares, é a da La Cité Éditeur, editora militante suíça criada por Nils Andersson em 1958. François Valloton relaciona o surgimento da La Cité à emergência de “uma nova geração de editores europeus que, no contexto da descolonização e das transformações na extrema-esquerda internacional, vão associar de modo estreito engajamento político e editorial”.²² Entre esses editores estariam, além de Andersson, François Maspero e Jérôme Lindon (Éditions du Minuit) na França, Giangiacomo Feltrinelli na Itália e, alguns anos depois, Klaus Wagenbach na Alemanha. Eles levaram adiante “o mesmo combate pela liberdade de expressão contra a razão de Estado, um interesse pelo terceiro-mundismo e pelos debates que agitavam a ‘nova esquerda’ nestes anos”.²³

A partir dessa amálgama de sugestões, como podemos definir a edição política? A edição política pode ser definida como aquela que vincula de modo direto engajamento político e ação editorial, o que significa dizer que é a edição feita com intenção política de intervenção social, ou seja, que parte de um projeto editorial e/ou empresarial de fundo político, cujo objetivo é promover a divulgação e o debate de determinadas ideias políticas publicamente na sociedade, posicionando-se em defesa dessas

¹³ *Idem*, François Maspero, éditeur partisan. *Contretemps*, n. 15, Paris, fev. 2006, p. 104. Disponível em <<http://www.contretemps.eu/wp-content/uploads/Contretemps%2015.pdf>>. Acesso em 24 out. 2012.

¹⁴ Ver *idem*, Collections politiques et effets de sens, *op. cit.*

¹⁵ Ver *idem*, Julien. Feltrinelli, Maspero, Wagenbach, *op. cit.*

¹⁶ *Idem*, François Maspero, éditeur partisan, *op. cit.*, p. 104.

¹⁷ *Idem*, Julien. Collections politiques et effets de sens, *op. cit.*, p. 6.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Idem*.

²² VALLOTON, François. Edition et militantisme: le catalogue de La Cité: Editeur (1958-1967). In: BURNAND, Léonard, CARRON, Damien et JEANNERET, Pierre. *Livre et militantisme: La Cité Editeur, 1958-1967*. Lausanne: Editions d'en bas, 2007, p. 20.

²³ *Idem*.

²⁴ MACHADO, Ivan Pinheiro. Entrevista ao autor em 4 de julho de 2016. Todas as demais citações de Machado são dessa entrevista, a menos que sejam identificadas de forma diferente.

²⁵ Ver MACHADO, Rosana Pinheiro e SALAINI, Cristian Jobi. Coleção L&PM Pocket: desafios do mercado editorial brasileiro. Disponível em <<http://www.espm.br/Publicacoes/CentralDeCases/Documents/LPM.pdf>>. 2010. Acesso em maio 2012.

²⁶ VASQUES, Edgar. O consumo do não consumidor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1974.

²⁷ CYRNE, Moacy. Humor gráfico: do Sul ao Nordeste. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 jan. 1976.

ideias. Assim, a editora política caracteriza-se pelo engajamento político, que estrutura o seu catálogo.

A casa editorial que realiza a edição política poderá, em certos casos, manter vínculos orgânicos com instituições políticas, como por exemplo partidos e associações cívicas. Mas poderá também ser iniciativa de um indivíduo, ou grupo de indivíduos, que a título pessoal (ou do grupo) empenha-se no ramo editorial e busca que esta atividade reflita, em alguma medida, a sua forma de ver e interpretar o mundo (este é o caso da L&PM, analisada neste artigo). Em ambos os casos o engajamento se dá pela defesa de certos princípios, ideias e causas, e se materializa nos livros editados, como resultado da íntima ligação entre edição e engajamento.

Principalmente nas editoras políticas que tinham vínculos com grupos ou partidos, era marcante a militância de editores, autores e colaboradores em torno das ideias que as animavam. Por isso, estas editoras podem também ser caracterizadas como editoras políticas militantes.

A L&PM Editores

A L&PM Editores foi fundada em Porto Alegre em agosto de 1974 pelos arquitetos gaúchos Ivan Gomes Pinheiro Machado e Paulo de Almeida Lima. Inicialmente chamou-se Lima & Pinheiro Machado Editores, passando pouco depois a ser denominada d L&PM Editores. A editora surgiu para publicar um livro com as charges do personagem Rango, de autoria do cartunista Edgar Vasques, amigo de Pinheiro e Lima na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ivan Pinheiro Machado relembra as origens da editora: “Nós tivemos uma agência de publicidade, éramos muito guris, e a gente fez essa agência porque tinha a possibilidade de ter clientes e tal. E era o Paulo Lima, o Edgar Vasques e eu. E o Edgar Vasques era muito conhecido porque era um grande desenhista e fazia um personagem que era o Rango, que era muito famoso, inclusive ele fez até n’*O Pasquim*, mas era publicado aqui pela Caldas Júnior.”²⁴

O personagem surgira quando Vasques foi chamado para cobrir as férias de Luis Fernando Veríssimo no jornal *Folha da Manhã*, e logo se tornou sucesso.²⁵ Com o fim da agência de publicidade, os três jovens amigos se viram diante da questão do que fazer em termos profissionais. “E aí, até numa provocação ao sistema, falamos: Vamos publicar o Rango, vamos fazer uma editorinha e publicar o Rango. Aí em 1974 a gente reuniu o material do Rango e publicamos”, conta Machado. Para ele, a iniciativa tinha muito a ver com o que o antropólogo Darcy Ribeiro chamava de “insciência da juventude”.

Rango era um personagem que fugia aos padrões, ainda mais no momento de ditadura em que vivia o país. Vasques o definia como “o marginal, o cara que está à margem, não o bandido”.²⁶ Nas palavras do crítico Moacy Cyrne, “Rango move-se em um mundo dominado pela fome e pela marginalização social, cujas referências concretas podem ser localizadas no contexto político e econômico da própria latino-americanidade”.²⁷ Para Machado,

O Rango era muito gozado porque ele era super-radical, contra o sistema, era um miserável que vivia dentro de uma lata de lixo e de lá ele fazia filosofia a respeito da pobreza, a respeito do país, tudo que acontecia ele comentava, sempre do viés

do miserável, do marginal, política ou economicamente. E era um negócio que era odiado pela direita, mas paradoxalmente era publicado no jornal mais conservador de Porto Alegre, e pelo cara mais poderoso do estado, que era o Breno Caldas, dono da Companhia Caldas Júnior. Era publicado na Folha da Manhã, que era o jornal “moderno” da Caldas Júnior, que publicava o tradicionalíssimo e centenário Correio do Povo. Então, isso era contraditório, ninguém entendia como o Breno Caldas permitia publicar. E como era publicado no jornal do Breno Caldas, a própria censura, a repressão, tinha medo de meter a mão, entende? Então ele ia publicando lá o Rango.²⁸

Para editar o livro, havia a necessidade de abrir uma empresa, uma editora. Foi então que surgiu a L&PM. Machado recorda: “E de sacanagem a gente fez aquela coisa das empresas antigas, Lima e Pinheiro Machado Editores Ltda. De sacanagem! E registramos. Mas vimos que ficou muito grande, e botamos L&PM. E o pessoal da faculdade fez o logotipo, que na época era um logotipo meio parecido com os do beisebol americano. Aliás, o logotipo se mantém até hoje. A gente tem dois, o clássico, que é esse original, e depois fizemos o outro, que é da L&PM Pocket”.²⁹

Origens familiares ligadas à política e ao jornalismo

As trajetórias familiares de Ivan Pinheiro Machado e Paulo Lima são importantes para se entender o perfil que a L&PM teve desde a sua fundação. Machado é filho do advogado Antônio Pinheiro Machado Neto, que havia sido deputado constituinte estadual em 1946 pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), com pouco mais de 20 anos de idade. Depois do golpe de 1964, exilou-se na Itália no começo dos anos 1970. Retornou em pouco tempo e era uma figura de destaque na oposição à ditadura em Porto Alegre. Ivan teve alguma atuação política na faculdade e esteve na Itália algum tempo, acompanhando seu pai no exílio. Paulo Lima é filho do jornalista Mario de Almeida Lima, diretor da sucursal de *O Estado de S. Paulo* em Porto Alegre. Seu pai era grande amigo de Paulo Brossard, figura de referência na oposição legal ao regime, e muito ligado à oposição. Mario Lima tinha uma livraria muito conhecida na cidade, a Livraria Lima.

Assim, ambos os fundadores da editora vinham de ambientes de oposição, em que se buscavam caminhos para combater a ditadura brasileira. Machado, vinha do lado da oposição comunista do PCB, muito importante nesse período, e Lima do lado da oposição mais liberal, “democrática”. É da amizade entre Machado, Lima e Vasques que vai surgir o livro *Rango*, que deu origem à L&PM. Machado conta como foi: “Então fizemos o *Rango*, que era um livro de 80 páginas. O livro foi feito de forma curiosa, porque a gente não tinha um tostão, então a gente fez graças a um amigo nosso, muito engraçado, que tinha uma gráfica, que deixou a gente imprimir o livro num sábado”. Este amigo era Alfredo Oliveira.³⁰

Machado recorda como foi a impressão do primeiro livro: “Ele liberou a gráfica depois de a gente encher o saco dele, mas colocou uma condição: só não pode usar o preto. Dissemos: tá bom. Então chegamos na gráfica e tinha um monte de latas de tinta meio vazias, e a gente começou a misturar tudo, vermelho, amarelo, verde, misturamos aquele monte de tinta que ia ser jogada fora e deu uma lata de tinta que ficou marrom. E imprimimos o livro com aquela tinta”.³¹ Aliás, a cor usada na impressão gera até hoje interessantes interpretações:

²⁸ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

²⁹ *Idem.*

³⁰ Ver LUCCHESI, Alexandre. Ivan Pinheiro Machado: pessoas que criam ideias para livros digitais não entendem de cultura. *Zero Hora*, Porto Alegre, 9 ago. 2014. Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/08/ivan-pinheiro-machado-pessoas-que-criam-ideias-para-livros-digitais-nao-entendem-de-cultura-4571719.html>>. Acesso em 23 mar. 2015.

³¹ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

³² *Idem.*

³³ *Idem.*

³⁴ *Idem.*

³⁵ *Idem.*

Eu dei várias palestras em universidades, e uma vez uma moça na faculdade de comunicação, aqui em Porto Alegre, comentou: “A L&PM sempre foi de vanguarda, no primeiro livro ela rompe com o paradigma da tinta preta, é impresso com tinta marrom”. E foi mesmo. Eu até achei legal a interpretação dela, mas tive que dizer o que ocorreu. Eu falei: olha, eu lamento destruir a tua belíssima tese, mas acontece o seguinte... Como fizeram pra nós de favor o Rango.³²

A primeira edição, em agosto de 1974, foi de 5 mil exemplares. Os editores queriam realizar um ato político para marcar o lançamento do livro. E, de acordo com Machado, isso ocorreu:

Fizemos o lançamento na Faculdade de Arquitetura. Naquela época não tinha rede social, mas tinha uma coisa incrível, quando tu lançava uma ideia era um rastilho, ainda mais no campus, que era no centro da cidade. E convidamos o Brossard, o Pedro Simon, os caras. O pai do Lima fez uma divulgação pelo lado da esquerda mais democrática, o meu pai pelo lado da esquerda mais radical. E foi um grande acontecimento, incrível, foram mais de mil pessoas, vendemos mais de mil livros. Durou quase oito horas o lançamento, tinha comício, pessoas fazendo discurso. E chegavam todas as personalidades da oposição gaúcha pra participar.³³

O evento foi no mês de agosto, pouco mais de três meses antes das eleições de novembro de 1974 que marcaram uma grande vitória do partido da oposição, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), inclusive no Rio Grande do Sul, onde Paulo Brossard foi eleito senador. O lançamento, na memória de Machado, tornou-se um grande ato de reunião de todos os setores de oposição no estado.

Logo em seguida, outro fato veio marcar este primeiro momento da L&PM. A Feira do Livro Porto Alegre, tradicional evento da cidade, que ocorre anualmente no mês de outubro desde 1955. A L&PM, que havia lançado em agosto de 1974 *Rango*, vai participar de sua primeira feira naquele ano. E não passou despercebida: seu único livro foi o mais o mais vendido durante o evento. Machado e Lima alugaram uma Kombi e colocaram na praça onde se realizava a feira. “E tiramos outra edição, antes da feira, aí já foi numa gráfica, foi uma briga pra conseguir chegar no mesmo marrom da primeira edição, até que chegamos num marrom parecido. E foi o livro mais vendido da Feira do Livro”, conta Machado.³⁴

Durante esses primeiros momentos da L&PM a editora não tinha sede, funcionava numa sala improvisada no escritório de advocacia do pai de Ivan. Apesar desse sucesso inicial, a editora não garantia o sustento dos proprietários. Machado relata que só foram “viver da editora muito tempo depois”. Segundo ele, “durante certo tempo a gente subsidiava o nosso trabalho fazendo trabalhos fora da editora. Eu trabalhei como jornalista, tanto com fotografia como com texto, trabalhei em muitos veículos aqui de Porto Alegre, as sucursais... Pra ganhar a vida”.³⁵

Mas o sucesso de *Rango* teve também o seu preço. A repercussão da obra chamou a atenção da censura, que se sentia incomodada por um personagem cuja característica maior era ser miserável e faminto, numa época de “Brasil grande potência” e de “milagre econômico”. E os procedimentos habituais de intimidação foram colocados em prática:

Entrementes, eu fui chamado à Polícia Federal [...] me chamaram pra prestar esclarecimentos sobre uma obra que estava sendo lançada ilegalmente. Eles não podiam



obviamente apreender porque já tinha saído no jornal. Mas aí eles inventaram... Como o formato era um formato meio estranho³⁶, eles inventaram que era uma revista. E como revista, na época, tinha que ter o registro junto à Polícia Federal, tinha que ter um registro especial pra circular... e a gente não tinha esse registro, obviamente, porque era um livro.³⁷

Quem interrogou Machado foi Roque Chedid, que chefiava o setor de censura da Polícia Federal em Porto Alegre.

Aí o cara me chama e diz: “Nós vamos apreender esse negócio”. E aí nós armamos um esquema, porque o grande medo era entrar [no interrogatório] e não sair... então armamos um grande esquema em que até o Érico Veríssimo estava no meio, estava todo mundo em alerta com a minha entrada na PF, e o Érico, que era muito amigo do pai do Lima, inclusive fez o prefácio do Rango... O Érico era um cara importante, escritor, então qualquer rolo, se eu demorasse a sair lá da Polícia Federal, iam mobilizar o pessoal. [...] E o cara da PF começa a ler na minha frente. Eu sentado... O livro tinha 80 páginas, ele folheava, folha por folha. E falava: “O que é isso aqui? Piada de coronel, isso não dá, isso é um lixo”. E folheava, e folheava... e quando chegou no final ele disse: “Nós vamos recolher porque isso aí não é livro, é revista”. E eu disse: “Não, doutor (tinha que chamar de doutor), isso aí é livro”. “Não é nada, desde quando livro é essa porra! Grampeado, porra!”. Aí eu disse. “O senhor leia o prefácio!”. E aí foi um negócio sensacional, inesquecível, porque no prefácio o Érico abre assim: “Recomendo este livro com o maior entusiasmo”. E eu disse: “É o Érico Veríssimo quem está dizendo”. Aí deu um rolo na cabeça do cara da PF. Pô, o Érico Veríssimo dizendo que era um livro? Ele me olhou com uma cara de ódio e disse: “Olha, te manda daqui. Pega essa tua imundície. Tu te livrou dessa vez, agora abre o teu olho, guri”. Eu lembro dele dizendo isso.³⁸

O sucesso de *Rango* alavancou a editora e também a carreira de Edgar Vasques como cartunista. O personagem gerou mais cinco livros: *Rango 2* e *Rango 3* foram lançados em 1975; *Rango 4*, em 1976; *Rango 5* e *Rango Bis* (que reunia os volumes já lançados) em 1977.

A consolidação, com humor e política

Diante do êxito obtido com *Rango*, Lima e Machado viram que seria possível pensar seriamente em se tornarem editores profissionais. “De repente, tu és o campeão de vendas da Feira do Livro. O que fazer depois disso? Editar outro livro. Ganhar dinheiro a gente nunca ganhou (risos). O que conseguimos fazer foi montar uma empresa e viver dessa empresa. Isso custou mais de 10 anos”.³⁹

O humor marcou o início da L&PM e a editora prosseguiu nessa linha. Além da sequência da série *Rango*, foram lançadas obras como *Tubarão parte II*, coletânea de Luis Fernando Veríssimo, Edgar Vasques, Fraga, Ronaldo, Juska, Merten, Santiago, R. Pereira, Canini, Batisow, Marco Aurélio, em 1976; *Nobre do princípio ao fim*, de Carlos Nobre (1976) e *O time do bagaço*, de Zequinha (1976). Essa linha se consolidou nesse ano com a edição dos dois volumes da *Antologia do humor*, obra que reunia 82 humoristas brasileiros. Posteriormente autores como Millôr Fernandes, Caulus e Luis Fernando Veríssimo tornariam a L&PM uma referência nacional em livros de humor.⁴⁰ Para Machado, “Apesar da feroz censura que havia na época, tinha uma

³⁶ O livro tem o formato de 15,5 cm X 22,5 cm, mas o que o diferencia dos livros em geral é que ele deve ser lido na horizontal, ou seja, a lombada do livro é na parte menor (15,5 cm).

³⁷ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

³⁸ *Idem.*

³⁹ *Idem apud* LUCHESE, Alexandre, *op. cit.*

⁴⁰ Ver CAPORAL, Angela. De Edgar Vasques a Woody Allen. *Jornal do Brasil*, 20 maio 1978. Disponível em <<http://bndigital.bn.br/acervodigital>>. Acesso em 1 abr. 2015.

⁴¹ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

⁴² LIMA, Mário de Almeida. Prefácio. In: BROSSARD, Paulo. *Oposição*. Porto Alegre, L&PM, 1976, p. 9.

⁴³ MAUÉS, Flamarion. Os livros de denúncia da tortura após o golpe de 1964. *Cadernos Cedem*, v. 2, n. 1, São Paulo, 2011, p. 50.

⁴⁴ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

⁴⁵ *Idem.*

válvula de escape que era o humor. Então os caras ficavam muito perplexos... a gente publicou muito livro de humor".⁴¹

Ao mesmo tempo, desde 1975, a L&PM iniciou também uma linha de livros mais diretamente voltados para a política. Esta linha, que seria uma das marcas registradas da L&PM em sua primeira fase, levou à criação da Coleção Política, em 1975. O primeiro livro da coleção foi *Oposição*, que reunia discursos parlamentares de Paulo Brossard, já então eleito senador pelo MDB gaúcho. A obra é composta por discursos proferidos por Brossard como deputado federal (1967-71) e senador (1975), e reproduzidos praticamente da mesma forma como foram publicados nos *Anais do Senado Federal*. Como destaca Mario de Almeida Lima no prefácio do livro, tais discursos "não sofreram uma revisão final e trazem assim os defeitos da improvisação a que faltam, ainda, a vibração da voz do orador e a pugnacidade que Brossard costuma dar às suas intervenções nos debates".⁴²

Esse tipo de obra com a reprodução de discursos parlamentares havia surgido em 1974, quando a Editora Paz e Terra, de Fernando Gasparian, publicou *Oposição no Brasil, hoje*, "um livro de pronunciamentos políticos de Marcos Freire, advogado pernambucano e deputado federal pelo MDB, que concorria à eleição para o Senado naquele ano, e sairia vencedor".⁴³ Esse livro parece ser o modelo inicial para vários outros que surgiram posteriormente, sempre de autoria de parlamentares da oposição e com a reprodução de discursos proferidos no parlamento e, quase sempre, publicados da mesma forma como haviam sido editados nos anais oficiais. Criou-se, podemos dizer, um gênero editorial: o livro de parlamentar da oposição. Tais obras parecem ter sido uma forma de apoiar a ação de parlamentares oposicionistas (inclusive nos períodos eleitorais) e, ao mesmo tempo, um modo das editoras que publicavam esses livros se precaverem contra problemas com a censura, uma vez que tais obras reproduziam textos já editados nos *Anais* do Senado ou da Câmara Federal, o que de certa dificultava a ação da censura contra elas.

*Ivan Pinheiro Machado confirma que a inspiração para o lançamento do livro de Brossard veio de Gasparian, de quem era muito amigo: "E a gente descobriu um grande veio, que eram os discursos, porque uma vez publicados nos Anais do Senado eles não podiam ser censurados. Então a gente passou, com o Gasparian... O Gasparian tinha o [semanário] Opinião, tinha a [editora] Paz e Terra... a gente fez uma frente e publicamos um monte de coisas. Até estivemos na lista da Veja várias vezes com discursos parlamentares. Isso começou em 1975, por aí, foi bem no começo.*⁴⁴

Machado afirma também que foi Fernando Gasparian quem teve a ideia inicial de publicar os discursos de parlamentares da oposição:

*O Gasparian inventou esse negócio. Ele tinha know-how de censura, por causa do Opinião. [...] O Gasparian chega um dia e me diz: vamos pegar os discursos dos caras e vamos publicar. Aí ele começou com o Marcos Freire, depois ele publicou outros. E nós publicamos o Simon, o Brossard, o Teotônio Vilela, que era o cara do outro lado que passou pro nosso lado. Era uma figura emblemática da oposição, porque era o cara que era da Arena e que recusou a ditadura. Publicamos dele A pregação da liberdade [1977], na época ele ainda era da Arena.*⁴⁵

Em outubro de 1976, ou seja, cerca de um ano após o lançamento do livro *Oposição*, a L&PM publicou o segundo volume da Coleção Política,

o livro *MDB: uma opção democrática*, do então deputado estadual Pedro Simon, presidente do Diretório Estadual gaúcho do partido. Brossard lançaria, sempre pela L&PM, mais três livros do mesmo tipo: *O ballet proibido* (1976), *É hora de mudar* (1977) e *Chega de arbítrio* (1978), que alcançaram grande sucesso de vendas, tendo figurado por várias semanas nas listas de livros mais vendidos de não ficção da revista *Veja* e do jornal *Leia Livros*.

O sucesso dos livros de Paulo Brossard teve dois aspectos fundamentais para a L&PM: a consolidou como uma editora de oposição, já que o senador era uma das principais vozes de denúncia das arbitrariedades no parlamento; ao mesmo tempo, representou um grande apoio econômico à editora, uma vez que não foi necessário pagar direitos autorais ao autor. De acordo com Machado, “O Brossard nunca cobrou direitos autorais, e vendeu muito livro! Nunca quis receber!”.⁴⁶ Isso se devia basicamente à relação de amizade que havia entre Brossard e o pai de Paulo Lima. Desse modo, sem dúvida Brossard colaborou muito para o desenvolvimento da editora e para sua saúde financeira. E nessa linha de livros de parlamentares, houve ainda *Pregação da liberdade*, de Teotônio Vilela, lançado em 1977. Vilela era senador por Alagoas, tornara-se um dissidente da Arena (o partido do governo) e viria a ser um dos líderes da luta pela anistia.

Depois dos dois primeiros anos de atividade quase semiamadora, a L&PM começou a se organizar de forma mais profissional. A partir de 1977 a L&PM passou a editar obras de autores de literatura e teatro: Josué Guimarães (*É tarde para saber*, 1977; *Enquanto a noite não chega*, 1978), Millôr Fernandes (*Devora-me ou te decifro; É...*, 1977; *Flávia, cabeça, troncos; A história é uma história*, 1978), Moacyr Scliar (*Mês de cães danados*, 1977; *Deuses de Raquel*, 1978), Mario Quintana (*Pé de pilão; A vaca e o hipogrifo; e Esconderijos do tempo*, 1980) eram alguns dos autores brasileiros, aos quais se juntaram, no final da década de 1970, os estrangeiros Woody Allen (*Cuca fundida; Nada e mais alguma coisa*, 1978; *Sem plumas*, 1979), Eduardo Galeano, Carlos Fuentes e Adolfo Bioy Casares, entre outros.

Em abril de 1977, a edição do livro *1964 visto e comentado pela Casa Branca*, do jornalista Marcos Sá Correa, que tratava da Operação Brother Sam em 1964, gerou certo receio nos editores da L&PM. “A gente começou a ter problema de ser seguido, tinha uns caras que ficavam na frente do escritório [...]. Aí fomos para o Rio de Janeiro, eu e o Lima. E quando livro saiu a gente achou que ele ia ser apreendido, mas não foi”, lembra Machado.⁴⁷

As memórias do general

Em 1978 ocorreu o que Machado chama de “o grande problema”, com a publicação do livro do general Olympio Mourão Filho, *Memórias: a verdade de um revolucionário*. O general havia sido um dos comandantes militares do golpe de 1964, mas posteriormente passou a discordar dos rumos do regime militar e foi colocado no ostracismo. Essas memórias, publicadas apenas após a sua morte, seriam “um documento precioso para o estudo dos idos de março e de seus protagonistas e figurantes”, feito por um personagem “passional”, e seriam “contraditórias, imodestas [...] sinceras e desbocadas”.⁴⁸

Paulo Sérgio Pinheiro, na época professor de Ciência Política na Unicamp e colaborador da revista *IstoÉ*, afirmou que os textos do livro

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ *Idem*.

⁴⁸ NUNES, Augusto. Rude e franco. *Veja*, São Paulo, 15 fev. 1979.

⁴⁹ PINHEIRO, Paulo Sérgio. O velho general botou para quebrar. *IstoÉ*, São Paulo, 14 fev. 1979.

⁵⁰ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

⁵¹ *Idem.*

⁵² Ver Filha não quer livro de Mourão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 ago. 1978.

⁵³ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

“provavelmente não receberam nenhum retoque, tais as atrocidades que contêm nos comentários contra seus pares e os homens de seu tempo”.⁴⁹

Machado narra como o livro chegou até a L&PM:

O historiador Hélio Silva era muito amigo do meu pai. [...] Um dia, estávamos num jantar, ele diz: “Puxa, eu tenho um texto bombástico que eu dei pro Ênio [Silveira, da editora Civilização Brasileira], mas ele não quis publicar, o [Fernando] Gasparian [da editora Paz e Terra] também não quis, ninguém quis publicar, a Vozes não quis, porque realmente é estapafúrdio o texto, o autor diz horrores dos milicos”. Era o livro do Olympio Mourão Filho [...]. Estávamos eu e o Lima, e nós dissemos: “Nós publicamos”. Meu pai ainda disse: “Vamos ver, quem sabe a gente pensa melhor...”. E eu disse: “Não pai, o cara é milico, o que vai acontecer?”. O Hélio Silva ficou feliz da vida. [...] o Mourão doou pra ele os originais com a incumbência de publicar, então ele estava louco com isso, ele queria publicar de qualquer jeito.”⁵⁰

Machado recebeu os originais e os leu. Eis sua reação:

Aí eu li o livro e eu me apavorei. Eu até dei uma censurada. Isso é uma coisa que eu nunca disse, eu tirei umas coisas que ele falava, algumas poucas coisinhas, porque eu falei, isso vai... Porque ele dizia horrores do Médici, do Costa e Silva – dele dizia que era viciado em jogo e corno; era daí pra baixo. [...] Uma das coisas que eu tirei, por exemplo... Ele chegava e dizia assim: “O filho da puta do Médici”. Eu não posso botar isso. Eu tirei o “filho da puta”. A história que me perdoe, mas não eram as bolas dele que estavam em jogo, eram as minhas. E mesmo assim o livro foi apreendido. A orientação que eu tinha do advogado, meu pai, com esse livro, é que devíamos tirar aquilo que pudesse dar motivo a uma apreensão não política.”⁵¹

A notícia da publicação foi veiculada na segunda semana de fevereiro de 1978 pelo *CooJournal*, periódico alternativo editado por uma cooperativa de jornalistas de Porto Alegre, que divulgou trechos da obra. No entanto, o livro somente foi publicado em fins de agosto de 1978. Porém, quando o livro estava pronto mas ainda na gráfica, a filha de Mourão pediu na Justiça a apreensão da obra, alegando que as memórias eram propriedade dos descendentes do general.⁵²

Machado fala sobre o episódio de apreensão, que teve ares rocambolescos:

Meu pai estava no fórum quando viu uma movimentação, foi ver o que era, e alguém disse a ele que estavam fazendo a apreensão de um livro em segredo de justiça. [...] Aí ele nos ligou e disse que iam prender o livro: “Vão pra lá, avisem a imprensa”. Aí nós avisamos a sucursal d’O Estado de S. Paulo, d’O Globo, do Jornal do Brasil, todo mundo, e aí os jornalistas foram pra lá, e chegaram junto com a polícia. Foi um rolo. [...] A polícia chega e diz: “O senhor é o editor? Então o senhor está detido”. [...] Tudo isso era na expedição da gráfica, então os carros estavam todos por ali, bem perto do lugar onde o livro estava sendo apreendido. [...] Quando eles [os policiais] foram lacrar os livros, eu falei com o Aramis, que era o motorista, e a Ângela Caporal, que era a repórter do Jornal do Brasil... falei pra Ângela: “Fala pro Aramis que eu vou me atirar ali atrás”. O carro deles era uma Brasília. “Vamos ver o que acontece”. E ela falou: “Por mim tudo bem”. Eu fui saindo devagarinho, ninguém estava olhando e eu pum! E a Brasília ainda não era quatro portas, tinha que abrir, e eu abri, empurrei o banco e mergulhei. E fiquei lá. E o Aramis foi saindo, saindo, e eu fui embora.”⁵³

A liberação da obra ocorreu somente em fevereiro de 1979, cerca de seis meses depois: “Houve uma batalha judicial e o meu pai fez um trabalho incrível, consegui uma liminar. Como era uma liminar ficamos com medo de que ela fosse cassada. Então armamos um superesquema com a Varig – a velha e gloriosa Varig –, nós tínhamos amigos lá, e eles disseram que iam armar um esquema em que a polícia não ia conseguir entrar [para impedir a distribuição do livro]”.⁵⁴

O livro tornou-se imediatamente um *best-seller*, inclusive graças à repercussão que a sua apreensão em 1978 havia tido, gerando grande expectativa em torno da obra. Ela apareceu pela primeira vez na lista dos livros mais vendidos de não ficção da revista *Veja* em 15 de fevereiro de 1979, já em segundo lugar. E nela permaneceu por mais de 8 meses.

O grande *best-seller*: O analista de Bagé

Entre 1979 e 1984 a L&PM editou a revista *Oitenta*, que teve nove edições e era publicada no formato de livro, reunindo ensaios, artigos, entrevistas, resenhas de livros e quadrinhos. Os editores da revista eram Ivan Pinheiro Machado, José Antonio Pinheiro Machado, Paulo de Almeida Lima, Eduardo Bueno, José Onofre e Jorge Polydoro.⁵⁵

Machado lembra com orgulho da revista:

*A Oitenta foi inspirada na Revista da Civilização Brasileira. A nossa ideia era fazer uma revista cultural, de oposição. E passamos a editar um monte de gente, desde o Leandro Konder, o Carlos Nelson Coutinho, Marcos Faerman, deputados, o Luis Fernando Veríssimo, textos estrangeiros, fomos a primeira revista brasileira a publicar o Cornelius Castoriadis. Era uma revista aberta, culturalmente aberta a todas as manifestações. Não tinha uma linha editorial, a linha editorial era ser uma revista de oposição, mas que não era só de oposição, porque a gente publicava de tudo, o discurso do Neruda quando recebeu o Nobel, textos jornalísticos do Gabriel Garcia Marques. [...] A revista vendia uma edição, vendia pouco. A tiragem era de 5 mil exemplares. Ela virou cult depois que acabou.*⁵⁶

Um marco que consolidou a L&PM no mercado editorial brasileiro foi o enorme sucesso do livro *O analista de Bagé*, de Luis Fernando Veríssimo, publicado em 1981, um dos maiores sucessos de venda da década.⁵⁷ De acordo com Machado, ele representou “o upgrade da editora como *business*”, pois o livro “explodiu na Feira do Livro e depois foi para a capa da *Veja*”.⁵⁸

A primeira edição, em 1981, esgotou-se rapidamente, e em oito meses o livro já estava na 50ª edição, tendo vendido 160 mil exemplares.⁵⁹ O livro de crônicas tem como personagem central o personagem o “analista de Bagé”, uma sátira a alguns lugares-comuns sobre práticas psicanalíticas e a certos aspectos da cultura regional gauchesca. “Em *O analista de Bagé*, o autor ilustra o estereótipo imputado aos bageenses, de pessoas rudes, muito práticas e objetivas, com a cultura completamente centrada no Rio Grande do Sul e nos hábitos dos gaúchos, para criar histórias pitorescas, nas quais descreve o relacionamento entre um psicanalista e seus pacientes”⁶⁰, fazendo também críticas a questões políticas e sociais em destaque naqueles anos.

Na crônica “Bagé”, Veríssimo descreve algumas características do “analista”: “Ele recebe os pacientes de bombacha e pé no chão” e chama seus clientes de “índio velho”. Já na crônica “Finitude”, ele esclarece:

⁵⁴ *Idem*.

⁵⁵ Ver L&PM 40 anos: uma história de ideias e aventuras. Página eletrônica da L&PM Editores. Disponível em <<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805133&SecaoID=845253&SubsecaoID=384748>>. Acesso em 16 maio 2015.

⁵⁶ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

⁵⁷ Cf. MACHADO, Rosana Pinheiro e SALAINI, Cristian Jobi, *op. cit.*

⁵⁸ MACHADO, Ivan Pinheiro *apud* LUCHESE, Alexandre, *op. cit.*

⁵⁹ Informação dos editores constante da orelha do livro *Outras do analista de Bagé* (Porto Alegre, L&PM, 1982), de Luis Fernando Veríssimo.

⁶⁰ CONTAVE, Natalia de Figueiredo. *Amor Veríssimo: estudo sobre a adaptação de crônicas de L. F. Veríssimo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016, p. 24. Disponível em <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/2979/5/Natalia%20de%20Figueiredo%20Contave.pdf>>. Acesso em 19 set. 2019.

⁶¹ VERÍSSIMO, Luis Fernando. *O analista de Bagé*. Porto Alegre: L&PM, 1981, p. 48.

⁶² Ver CONTAVE, Natalia de Figueiredo, *op. cit.*

⁶³ MACHADO, Rosana Pinheiro; SALAINI, Cristian Jobi, *op. cit.*

⁶⁴ *Idem.*

⁶⁵ L&PM 40 anos: uma história de ideias e aventuras. Página eletrônica da L&PM Editores, *op. cit.*

*Existem muitas histórias sobre o analista de Bagé, mas não sei se todas são verdadeiras. Seus métodos são certamente pouco ortodoxos, embora ele mesmo se descreva como 'freudiano barbaridade'. [...] Foi ele que desenvolveu a terapia do joelhoço. Diz que quando recebe um paciente novo no seu consultório a primeira coisa que o analista de Bagé faz é lhe dar um joelhoço. Em paciente homem, claro [...]. Depois do joelhoço o paciente é levado, dobrado ao meio, para o divã coberto com um pelego.*⁶¹

Os casos de *O analista de Bagé* foram também publicados como crônicas em alguns jornais, além de serem adaptados como histórias em quadrinhos, também editadas pela LP&M. Foram ainda adaptados para o teatro.⁶² De certa forma, seu sucesso retomou as origens da L&PM, ligadas ao humor crítico e cáustico de *Rango*. Sete anos depois do início de suas atividades, a editora chegava, novamente pelo humor, ao êxito comercial que lhe possibilitaria dar um salto na sua trajetória empresarial.

Outras coleções da editora nesse período foram Alma Beat, que publicou autores como Jack Kerouac, Allen Ginsberg, William Burroughs e Lawrence Ferlinghetti, Quadrinhos L&PM (que chegou a 120 títulos), a *Revista de Filosofia Política* (em convênio com o Departamento de Filosofia da UFRGS), além de obras de ficção, reportagens, biografias e filosofia.

Uma editora que soube se reinventar

Apesar dos êxitos editoriais, a empresa enfrentou graves problemas financeiros nos anos 1990, em virtude da crise econômica do país e de problemas administrativos: “A instabilidade econômica que gerava índices inflacionários de até 80% ao mês fez com que a empresa fizesse uso de duplicatas, recurso financeiro que levou a um processo de endividamento crescente. A editora não resistiu ao início do Plano Real [1994], momento em que vivia de empréstimos e a renda obtida com a venda de livros era usada para o pagamento de juros. Na época, a L&PM não conseguia mais pagar seus fornecedores, nem os autores”.⁶³

Nesse quadro, em 1997 a editora estava tecnicamente falida. Face a essa situação, os proprietários viram-se diante da opção de vendê-la ou realizar uma mudança nos seus rumos. Em 1998 surgiu concretamente uma proposta de compra da L&PM, feita pela Editora Ediouro. Nesse contexto, “Para sair da crise, os sócios estavam em dúvida entre adotar um novo modelo de publicação (inspirado nos livros europeus de bolso) ou vender a empresa. Nesse cenário, eles haviam contratado um consultor inglês, Ken Baxter, para pensar em soluções para a empresa. [...] o conselho mais marcante recebido por este profissional foi passado da seguinte maneira: ‘Não a vendam; vocês ainda vão ficar ricos com esse negócio de livro de bolso’”.⁶⁴

Machado e Lima optaram por não vender a L&PM. Adotaram um novo modelo de publicação, cuja base eram os livros de bolso (*pocket-book*). Isso passou por um plano estratégico de pagamento de dívidas e pela reestruturação geral da empresa. Em 2002 teve início a coleção L&PM Pocket (livros de bolso no formato 11 cm x 18 cm), que transformou o perfil da editora e a colocou em um novo patamar no mercado brasileiro. A coleção foi, de acordo com a editora, “construída com base em quatro pilares fundamentais: textos integrais, alta qualidade editorial e industrial, preços baixos e distribuição ‘total’, atingindo todo o Brasil”.⁶⁵ Ela se caracteriza pela ampla abrangência de temas e obras editadas, pelo preço mais baixo,



pela ampla distribuição, inclusive em pontos de venda não tradicionais, e pelo bom acabamento dos livros (costurados e colados, e com papel de qualidade).

O papel político da L&PM

A L&PM foi uma editora criada por jovens com o objetivo de participação política e cultural, em uma situação de repressão e ditadura. Sem ter sido inicialmente pensada como um empreendimento comercial de fôlego, acabou descobrindo um nicho de atuação que fez com que alcançasse sucesso imediato e, por isso, deu continuidade a suas iniciativas buscando aproveitar e ampliar o espaço aberto pelo seu primeiro título, *Rango*. Foi a partir disso que surgiram planos mais amplos e audaciosos, tanto politicamente como comercialmente.

Desde seu primeiro lançamento, a L&PM marcou seu perfil político e de oposição à ditadura. Mas certamente foi com a Coleção Política, de livros de parlamentares de oposição – com destaque para o gaúcho Paulo Brossard –, que esse perfil se consolidou, ao mesmo tempo que o sucesso desses livros fez repercutir a ação da editora nacionalmente e colaborou decisivamente para o êxito comercial da L&PM. As obras de Paulo Brossard formaram um conjunto de quatro livros, editados entre 1975 e 1978, que tiveram ampla repercussão e ótima vendagem, mostrando a aceitação que tinham junto a uma parcela do público leitor, e mostrando também que foram um eficiente instrumento de reverberação da ação parlamentar da oposição, levando mais longe os discursos proferidos no parlamento e que, até a sua edição em livro, estavam disponíveis somente aos leitores do *Diário Oficial*.

Pinheiro Machado recorda do clima político do momento em que esses livros foram lançados: “Eu acho que a gente tinha medo, é óbvio que tinha medo. Mas a gente fazia as coisas. [...] Mas sempre tinha um certo receio. Eu tinha mais cuidado, porque tinha minha história familiar, meu pai tinha sido preso várias vezes, meu irmão tinha sido preso”.⁶⁶

Com a edição dessas obras, a L&PM ajudou a abrir um novo espaço no campo editorial brasileiro para os livros políticos, que ganhavam cada vez mais destaque. A imprensa registrou esse movimento editorial e o sucesso de vendas que ele obteve, como podemos ver neste comentário: “A política como tema capaz de levar aos primeiros lugares nas paradas de sucessos literários, eis uma surpresa impossível de ser adivinhada para este 13º ano [1977] do regime instalado em 1964”.⁶⁷

Esse ressurgimento de livros sobre a conjuntura política, e ainda por cima com um caráter francamente crítico ao governo ditatorial, marcava uma mudança, ainda que limitada, no clima político do país, o que também era registrado pela imprensa: “A ressurreição dos livros políticos revela, em última análise, que a situação, por pior que esteja, está muito longe da época em que não se falava nem se escrevia por puro e simples medo”.⁶⁸ Para Pinheiro Machado, “Todos esses livros eram atos políticos, e geraram eventos políticos, lançamentos, noite de autógrafos”.⁶⁹ Assim, constatamos que a atuação de algumas editoras de livros, entre as quais a L&PM, colaborou nessa alteração da situação política nacional, ao mesmo tempo em que refletia tais mudanças, ousando cada vez mais politicamente, com novos lançamentos que denunciavam as arbitrariedades às quais os brasileiros ainda estavam submetidos.



⁶⁶ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

⁶⁷ GAJARDONI, Almyr. Tempo de política. *Vêja*, São Paulo, 15 jun. 1977, p. 119.

⁶⁸ ABADÉ, João. As livrarias como tribuna. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1977.

⁶⁹ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

⁷⁰ MACHADO, Ivan Pinheiro, *op. cit.*

⁷¹ *Idem.*

As histórias pessoais e familiares de Ivan Pinheiro Machado e Paulo Lima foram determinantes para a linha de oposição seguida pela editora em seus primeiros anos, tanto pela orientação política seguida como pelos contatos que possibilitaram. Mas a ação política da L&PM não se restringia à Coleção Política. Outras obras lançadas pela editora, além da revista *Oitenta*, tinham um claro viés político oposicionista. Foi o caso, por exemplo, dos livros de humor, que, como destacou Pinheiro Machado, traziam quase sempre um conteúdo político de forma mais leve. Um autor representativo dessa linha era Millôr Fernandes, de quem a L&PM editou, entre outras obras, *Liberdade, Liberdade* (em parceria com Flávio Rangel, 1977), *Flávia, cabeça, troncos* (1977) e *Bons tempos hein?!* (1979).

Outra linha em que a política se destacava foi a de livros sobre a realidade brasileira sob a ditadura. Aí destacaram-se: *1964 visto e comentado pela Casa Branca*, de Marcos Sá Correa (1977); *Opinião x censura: momentos da luta de um jornal pela liberdade*, de José Antônio Pinheiro Machado (1978); *1964: golpe ou contragolpe?*, de Hélio Silva (1978); *Memórias: a verdade de um revolucionário*, de Olympio Mourão Filho (1978); *113 dias de angústia*, de Carlos Chagas (1979); *Os expurgos na UFRGS* (1979); *Ensaio insólitos*, de Darcy Ribeiro (1979); *Estado de sítio* (roteiro do filme), de Costa Gavras (1979); *A invasão* (ficção política, 1979), de José Antonio Severo.

Houve ainda uma série de lançamentos de obras de ou sobre pensadores e líderes de esquerda: *Lênin no poder*, com textos de Lênin (1979); *Fidel: a nova escalada dos não alinhados*, organizado por José Montserrat Junior (1980); *Lukács*, de Leandro Konder (1980); *Gramsci*, de Carlos Nelson Coutinho (1981); *Testamento de Sartre*, com textos de Jean Paul Sartre (1980); *Grandes escritos anarquistas*, organizado por George Woodcock (1981).

Machado julga, mais de 40 anos após o surgimento da editora, que sua trajetória tem a marca da coerência:

Acho que a L&PM é a editora que sobrou daquela época, ou seja, que não mudou o seu caráter e a sua personalidade. Nós somos uma evolução daquilo que a gente começou lá na década de 1970. Acho que a própria linha editorial da editora sempre foi coerente com um pensamento cultural democrático, de liberdade de valores humanísticos, ela nunca se afastou disso. A gente nunca optou por questões comerciais em detrimento deste nosso caráter, desta nossa ideia de trabalho, e de vida também.⁷⁰

Sobre o papel político que a editora teve, ele avalia:

A gente fez o que achava que tinha que fazer. Ninguém estava ali querendo entrar pra história. Era uma parte de uma geração que tentou se expressar de alguma forma e protestar, enfim, incomodar. A gente incomodou muito, tenho muito orgulho disso. Claro que teve outros, como o Ênio Silveira, o Fernando Gasparian, que foram caras que estavam nos centros maiores, Rio e São Paulo, que eram muito mais visados do que nós. Mas a gente também não estava pensando em ser mais do que ninguém. A gente fez o que podia fazer, e o que achava que podia fazer. [...] A editora sempre foi uma expressão do que a gente achava.⁷¹

Após a reformulação pela qual passou a editora no final dos anos 1990, a L&PM vem expandindo sua atuação nos últimos anos, tendo como suporte principal a Coleção L&PM Pocket, da qual já foram lançados mais de mil títulos e vendidos mais de 30 milhões de exemplares. Ela publica também livros nos formatos tradicionais e, desde 2010, sem falar de ou-

tros em formato eletrônico, havendo se associado à sido empresa DLD (Distribuidora de Livros Digitais), ao lado das editoras Record, Objetiva, Sextante, Rocco e Planeta.⁷²

Artigo recebido em 24 de maio de 2019. Aprovado em 17 de julho de 2019.

⁷² Em 2017 a DLD foi comprada pela Bookwire Brasil, filial nacional da distribuidora de conteúdo digital alemã Bookwire. Ver KOIKE, Beth. DLD, de livro digital, é vendida para Bookwire Brasil. *Valor Econômico*, São Paulo, 1 out. 2017. Disponível em <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2017/10/01/dld-de-livro-digital-e-vendida-para-bookwire-brasil.ghtml>>. Acesso em 20 set. 2019.